



## **Vozes no feminino: por uma poética do matriarcado em Simone Schwarz-Bart**

Female voices: for a poetics of matriarchy in Simone Schwarz-Bart

Vanessa Massoni da Rocha<sup>1</sup>

**Resumo:** Busca-se estudar as vozes no feminino na obra *Pluie et vent sur Tulumée Miracle*, de 1972, da escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart. Traduzida para o português como *A ilha da chuva e do vento* por Estela dos Santos Abreu, a narrativa contempla o processo identitário antilhano no período (pós)colonial. O romance coloca em cena a condição feminina através do matriarcado de quatro gerações da família Lougandor: heroínas romanescas que reivindicam um protagonismo cultural na história do Caribe.

**Palavras-chave:** vozes no feminino; matriarcado; (pós)colonização; Simone Schwarz-Bart

**Abstract:** The aim is to study the female voices in the novel *The Bridge of Beyond*, from 1972, by the Guadeloupean writer Simone Schwarz-Bart. The narrative analyzes the Antillean identity process in the period (post)colonial. The novel depicts the status of women through the matriarchy of four generations of the family Lougandor: novelistic heroines who claim a cultural role in the history of the Caribbean.

**Keywords:** voices in the female; matriarchy; (post) colonization; Simone Schwarz-Bart

A água estava parada aqui e ali, em torno das rochas limosas, mas mais adiante retomava o curso, borbulhava clara, transparente. Debruçada para a minha imagem, pensei que Deus me pusera sobre a terra sem me perguntar se eu queria ser mulher, nem que cor eu gostaria de ter. Não era culpa minha se ele me havia dado uma pele negra, quase azul, um rosto que não primava pela beleza. Eu estava, porém, bem contente e, talvez, se me dessem a escolher, agora, neste exato momento, escolheria esta mesma pele azulada, este mesmo rosto sem beleza evidente. (SCHWARZ-BART, 1986, p. 109)

Nascida na França em 1938 de pais guadalupenses, seu pai era militar e sua mãe professora, a escritora Simone Schwarz-Bart privilegia em seus escritos a (pós)colonização no cotidiano e nas artes de fazer do povo antilhano. A Guadalupe permeia sua obra em toda sua plenitude: seus aromas, seus cantos, suas cores, sua natureza, suas contradições, suas cerimônias, seus personagens. Nas palavras de Malu-Meert, a autora “ultrapassa o exotismo (...) e consegue com uma sensibilidade poética e

---

<sup>1</sup> Professora doutora de língua francesa e de literaturas francófonas nos programas de Graduação em Letras e Pós-graduação Lato sensu em Literaturas Francófonas na Universidade Federal Fluminense. Integra o *Centre de la francophonie des Amériques* e desenvolve pesquisa sobre a memória (pós)colonial nas Antilhas francesas.

uma simplicidade rara traduzir a esperança do povo guadalupense em busca de uma identidade profunda<sup>2</sup> (1985, p. 9). Fez seus estudos na França, em Guadalupe e no Senegal, tendo se tornado sensível à experiência da diáspora e à criouldade nas Antilhas. Desde 1967 escreveu, de maneira incontinua, romances, novelas, ensaios e uma peça teatral e recebeu os seguintes prêmios e títulos: Grande prêmio das leitoras de *Elle* (1973), Embaixadora da Ordem das Artes e das Letras (2006) e prêmio *Littérature monde* (2015).

Sua trajetória literária se confunde com o protagonismo de vozes no feminino. O romance de estreia, em 1967, *Un plat de porc aux bananes vertes (Um prato de porco com bananas verdes)*, escrito com seu marido André Schwarz-Bart, retrata a internação e os últimos anos de vida da senhora Mariotte num hospital psiquiátrico parisiense. Em uma estrutura narrativa que evoca os contos crioulos, Mariotte se entrega às lembranças de sua terra natal e rememora o engajamento contra a escravidão, a submissão e a miséria bem como a relação com os brancos, a infância, os amigos, a religião e um inesquecível prato de porco com bananas verdes. Organizadas em sete cadernos, as memórias nos fazem conhecer uma senhora pessimista com receio do passado e que se define como “uma crédula que perdeu a fé” (1996, p.18).

Em 1972, Simone Schwarz-Bart publica *Pluie et vent sur Télumée Miracle (A ilha da chuva e do vento* em tradução de Estela dos Santos Abreu em 1986), romance incontornável da literatura de Guadalupe e do Caribe. Considerada a obra-prima da autora por escritores como Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant, a narrativa concede a quatro gerações de mulheres da família Lougandor o protagonismo cultural no período (pós)colonial pela voz da narradora Télumée Milagre. Para além de suas histórias pessoais, Télumée privilegia as histórias de sua mãe, sua avó e sua bisavó para compreender o processo identitário caribenho sob a perspectiva da valorização do matriarcado enquanto fonte de memória oral coletiva indispensável à cultura antilhana.

Em 1989 a escritora lança a quatro mãos com o marido a enciclopédia *Hommage à la femme noire (Homenagem à mulher negra)*. A enciclopédia de seis volumes, resultado de três anos de pesquisa do casal nos Estados Unidos, na África e no Caribe, homenageia – e tira do anonimato – noventa mulheres negras não contempladas na história oficial. Da rainha de Sabá à escritora conterrânea Maryse Condé os livros ricamente ilustrados se apresentam como ode ao papel social e à importância cultural de mulheres negras que se destacaram nas mais diversas áreas do conhecimento.

---

<sup>2</sup> As traduções de textos literários e teóricos em língua francesa são de minha autoria.

Em 2015 a escritora rompe quase três décadas de silêncio literário e publica o romance *L'Ancêtre en Solitude (O ancestral solitário)* a partir de manuscritos deixados pelo marido, falecido em 2006. Com este romance, Simone conclui o que considera ser o “ciclo antilhano” (2015, p.16) e promove a ressurreição da personagem Mariotte, de *Un plat de porc aux bananes vertes*, e de Solitude, do romance *La Mulâtresse Solitude*<sup>3</sup> (*A Mulata Solitude*), escrito em 1972 por André Schwarz-Bart. A narrativa contempla três gerações de mulheres – Louise, Hortensia e Mariotte – que se confundem com a história da Guadalupe na (pós)colonização. No romance, a escritora brinca com a liberdade ficcional e parece explicar a razão do seu retorno à cenografia literária: “para dizer a verdade o que eu desejo é somente passar de vez em quando uns momentinhos com algumas pessoas defuntas” (2015, p.230).

Ao acordar protagonismo ao discurso de mulheres ao longo de seu percurso ficcional, Simone Schwarz-Bart se mostra uma escritora sensível à conquista e ocupação de espaços por muito tempo negados às vozes femininas. Acerca do romance que doravante contemplaremos, *A ilha da chuva e do vento*, Monique Bouchard reconhece que “quiseram fazer deste romance uma obra feminista. Se ‘feminista’ qualificasse somente uma visão realista das mulheres, de seus sentimentos, de suas opiniões, de sua condição social, o qualificativo seria aceitável” (1990, p. 59). Bouchard rejeita a categorização do romance como obra engajada na causa feminista uma vez que “os traços da narradora são a expressão de uma exasperação real (...) porém expressa como um aspecto da realidade vivida pelas mulheres, não explorada de maneira polêmica” (1990, p. 59). Certamente, a obra não reivindica uma negação da voz masculina. Mouhamadou Cissé compartilha a mesma perspectiva vislumbrada por Bouchard ao considerar que Simone Schwarz-Bart “constrói heroínas dominadas mas que recusam sua condição” (2014, p.18). Segundo o crítico, dentre os adjetivos feminista e feminino, “o feminino se aplica melhor à resistência da autora em razão de seu discurso e de sua postura” (2014, p.18). Neste sentido, reconhecemos o romance como narrativa na qual há o protagonismo de vozes do feminino que encontraram na narradora Télumée e nas

---

<sup>3</sup> A mulata Solitude é uma figura emblemática da história (pós)colonial guadalupense. Foi homenageada por André Schwarz-Bart em romance homônimo publicado em 1972 e por Simone na obra *L'Ancêtre Solitude* em 2015. Solitude foi violentada ainda no navio negreiro na viagem da África à Guadalupe. Em 1794, quando da Abolição da escravidão, passa a morar nos *mornes*, grandes colinas antilhanas que podem ser comparadas aos quilombos. Com a revogação da abolição da escravatura por Napoleão Bonaparte, em 1802, ela é enforcada aos trinta anos de idade em praça pública um dia após o nascimento de seu filho. Em 1999 é erigida uma estátua em sua memória em Guadalupe; nela Solitude é representada grávida, com as mãos na cintura, rosto altivo e olhando determinadamente ao longe: memorial incontornável da resistência dos escravos à opressão escravagista.

peripécias de quatro gerações da sua família uma maneira de mostrar um olhar das mulheres acerca da identidade na Guadalupe.

Minerve, Toussine, Victoire e Télumée: mulheres colocadas em cena em todas as suas virtudes e fraquezas. A saga da família traz à tona visões diferentes sobre o papel feminino na passagem do tempo. Apesar das especificidades que acompanham as matriarcas, Schwarz-Bart apresenta a personagem Télumée como alguém que “durante toda a sua vida tentará continuar esta linhagem de mulheres talentosas, negras de fato, decididas a não se deixar embarçar pela vida” (1986, p.61). É importante precisarmos que Télumée terá uma filha adotiva, Sonore, sendo a única Lougandor a não experimentar a gravidez. O romance se organiza em duas partes de estrutura desigual: a primeira, “apresentação dos meus”, possui um pouco mais de trinta laudas enquanto a segunda, “história da minha vida” se estende por mais de duzentas. Em ambas as partes Télumée procura se colocar face a face com suas progenitoras em um grande exercício de compreensão de si mesma. Através de aproximações e afastamentos, o quarteto feminino povoa toda a obra e reitera a máxima drummoniana do resíduo segunda a qual “de tudo fica um pouco” (ANDRADE, 1984, p.93): um pouco de nós nos outros, um pouco dos outros em nós mesmos, um pouco dos objetos, um pouco dos lugares, um pouco dos odores, um pouco das lembranças.

Neste sentido, não é possível considerarmos o romance como a instituição de uma voz feminina que se elevaria contra seu silenciamento. Não se trata de um discurso unísono representativo de todo um grupo. Embora a maior parte do romance seja a autobiografia de Télumée redigida em primeira pessoa, nele habitam vozes variadas que refletem as vicissitudes de distintas épocas, personalidades e histórias. Marcado por lembranças, o discurso telumeano se inscreve no fluxo de memórias e na sua imaginação em costurar narrativas diversas. O interesse da narrativa “não reside no ‘que se passa’ mas no ‘como se passa’” (HECKENBACH, 1998, p. 41). Como destaca Heckenbach em seu artigo sobre o discurso antilhano no feminino, “a transformação dos personagens motiva mais os textos que suas ações. (...) O texto feminino sublinha o aspecto negativo de ‘ação’ e valoriza o ‘não-evento’” (1998, p. 41).

Kathleen Gyssels, especialista da obra de Schwarz-Bart, reconhece o discurso feminino como “vetor da identidade feminina” (1996, p.4) e acrescenta que “não somente a identidade feminina é tributária da relação mãe-filha mas o discurso das mulheres é a força motora para os fatos e para as ficções da filha e estes discursos, por sua vez, são legados dos ancestrais” (1996, p.4). São, todos estes discursos, fios que se tecem entre as diversas gerações e que apontam para convergências, memórias identitárias que não

cessam de se reinventar e de se reinscrever. A partir da premissa de que “na cultura oral das Antilhas, é a palavra feminina que veicula todo o saber de um povo” (PIETERS, 2013, p.15), o romance concede às heroínas o reconhecimento por serem fontes da memória coletiva. Bertène Juminer reitera que a figura materna era “fonte de um discurso ambivalente e mágico destinado à linhagem” (1994, p.132) e define a matriarca como “vestal guardiã da casa, portadora exemplar de ontem e de amanhã pela eloquência de seus *ditos* elucidativos e de iniciação” (1994, p.132). Para Juminer, a “mulher é a viga, o esteio da comunidade” (1994, p.134). Bouchard, em sintonia com Pieters e Juminer, afirma que “o romance é centrado nas mulheres e conta a história de uma linhagem num período da história onde as mulheres eram o único elemento estável da família” (1990, p.71). Já Fanta Mbaye acredita que a linhagem matriarcal das Lougandor assume uma função organizadora: “inventar uma história, ordenar uma sociedade fragmentada, dispersa e instável” (1985, p.29).

A personagem Minerve, por exemplo, insistia em cantarolar para a filha Toussine: “Preciso de um marido pescador / para me pescar uns dourados / não sei se vocês sabem / preciso de um marido pescador / Ó remo da frente, ele me dá prazer / Ó remo de trás, ele me faz morrer” (1986, p. 15, p. 163). Na canção, ela fazia referência à distinção de papéis sociais entre homens e mulheres, pois enquanto aqueles trabalhavam na lavoura, na marcenaria ou na pesca, as mulheres se ocupavam das atividades domésticas e da educação dos filhos. Para além desta rígida organização social dos gêneros, Minerve atribuía ao casamento a salvação de toda mulher, como evidencia outra canção: “Casada hoje/ divorciada amanhã / mas Madame para sempre” (1986, p.17) . A personagem “Minerve sabia que essas mulheres nada tinham na vida, a não ser umas tábuas sobre quatro pedras e o desfilar de homens sobre o seu ventre. Para essas negras tão abandonadas, o casamento era a maior, e talvez a única, dignidade.” (1986, p. 17).

Se o discurso de Minerve personificava a submissão feminina, Toussine soube reivindicar e construir para si novos olhares acerca de seu papel e seu valor na sociedade. Sobre a avó, a narradora confessa:

quando eu era pequena, minha mãe Victoire sempre me falava de minha avó, a negra Toussine. Falava com fervor e admiração. (...) Minha mãe a venerava tanto que acabei por considerar a avó Toussine um ser mítico, morando para lá do mundo, e, embora ainda viva, era para mim uma espécie de lenda  
(1986, p.9)

A força pungente e intimidadora de Toussine, conhecida no romance como Rainha-Sem-Nome, embaralha antigas certezas e concede livre arbítrio às mulheres. Diante da pergunta “O que é uma mulher?...” (1986, p.25) a narradora se apressa em explicar que “um nada, diziam, ao passo que Toussine era um pedaço de mundo, todo um país, um fulgor de negra, o barco, a vela e o vento, por não ter ela sucumbido à infelicidade” (1986, p.25, 26). Neste sentido, o romance associa a força feminina à busca por felicidade e à recusa de aceitar uma vida sem alegrias nem realizações. Toussine se permite ir além dos estereótipos que a limitariam ao casamento, à maternidade e às atividades domésticas e ousa conduzir sua vida de acordo com seus sonhos, seus desejos e suas vontades. Assim, não tarda para que a personagem se torne uma referência a ser seguida pela neta.

Victoire, mãe da protagonista, opta por abandonar a filha para viver um novo amor: “minha mãe havia encontrado o seu deus naquele dia, e esse deus era grande apreciador de carne feminina, ou pelo menos tinha essa fama. O primeiro cuidado de minha mãe foi o de me afastar, de mandar para longe a minha jovem carne de dez anos” (1986, p. 42). Ora, Victoire não hesita entre a paixão fulminante e as obrigações da maternidade e entrega Télumée aos cuidados da avó. Victoire acreditava que “é preciso arrancar as entranhas e encher a barriga de palha, se a gente quer ficar um pouco ao sol” (1986, p.42), minimizando os desdobramentos de sua escolha. O que se reitera na tessitura do romance é a liberdade feminina em tomar decisões em busca de seu lugar ao sol. Para Télumée, a ida para a casa da avó torna possível o mais promissor ritual de passagem de sua formação. Já para sua mãe, afastar a filha cujo corpo estava desabrochando, era indispensável para viver plenamente um amor tranquilo. Victoire teve três filhas, foi a perda do filho varão, contudo, que deixou as marcas mais profundas e indeléveis:

Era um menino já formado, de quem minha mãe guardou muito orgulho. Por vezes parava de passar a ferro, acariciava de leve a barriga e dizia... as pessoas me veem na rua e nem sabem que já carreguei um homem, um homem que ri e chora e que pode chegar a ser papa, se lhe der na veneta  
(1986, p. 30).

Se o abandono da filha mais nova parece não lhe causar comoção, Victoire lamenta profundamente o falecimento daquele que tudo poderia conquistar. Ao passo que a filha acena com preocupações permanentes, o filho personifica o auge da maternidade

e se oferece como troféu a ser exibido caprichosamente na comunidade. Enquanto a menina precisa ser afastada de casa para não despertar o interesse sexual do padrasto, o menino simboliza tudo o que poderia ter sido e, infelizmente, não foi.

É necessário destacar duas características essenciais da linhagem Lougandor: a primeira diz respeito ao fato de que “sempre gostaram de voar ou agarraram-se numas asas e subiram” (1986, p.28) e a outra se refere à postura diante da vida: “nós, os Lougandor, não somos galos de raça, somos galos de briga, de rinha” (1986, p.114). As mulheres da família parecem dispostas a conduzir suas vidas com luta, persistência, determinação e vontade de conquistar seu lugar ao sol. Mantem-se firmes diante das inúmeras dificuldades e das chuvas e ventos que insistem em se abater sobre suas rotinas. A respeito da conduta e da personalidade das vozes femininas de Schwarz-Bart, Cissé nos ensina que

de Minerve à Télumée, as gerações exerceram mais ou menos as mesmas atividades rústicas, domésticas ou comerciais em um contexto que as esmaga, as abafa mas elas não capitulam: de uma mulher à outra se transmitem valores humanos tais como a coragem e a paciência que fazem delas modelos sociais apaixonadamente em busca da felicidade. É esta força psicológica e inabalável que traduz a revolta feminina no romance (2014, p. 30).

Perante esta vivacidade feminina vigorosa, os homens se tornam marcados por tragédias ou se mostram diminuídos e inferiorizados ao longo da intriga. Segundo Cissé, “Schwarz-Bart evocou o combate feminino contra o poder dos machos, julgados irresponsáveis, ausentes ou invisíveis na família matrifocal que é uma herança da escravidão e da colonização” (2014, p. 17). A família matrifocal se caracteriza pela presença de várias mulheres no mesmo lar sejam elas de gerações distintas ou da mesma geração. Trata-se de um lar genuinamente feminino, típico da sociedade antilhana. Somos apresentados a uma série de homens obliterados pela força feminina no romance *A ilha da chuva e do vento*. Ao tomarmos como referência a protagonista Télumée Milagre, seu futuro irmão falece pouco antes de nascer; seu pai Angebert é brutalmente assassinado por Germain em um desentendimento inconsequente; seu primeiro marido Élie é atormentado por espíritos e se perde; Amboise, seu segundo marido, morre queimado por se insurgir contra os patrões na greve industrial; Senhor

Desaragne, seu patrão, não mede esforços para violá-la; O patrão da usina direciona sem pestanejar um caldeirão de lavas na direção dos trabalhadores grevistas; Seu padraсто Haut-Colibri abandona a mãe e desaparece no mar; Jérémie, seu avô, falece e vagueia entre dois mundos para não abandonar a esposa; A deformidade física do Anjo Médard lhe condena à solidão e parece personificar o mal.

Diante deste apequenamento do papel masculino empreendido por Schwarz-Bart em sua obra, Bouchard sentencia que este procedimento

corresponde a um aspecto da realidade guadalupense: casa-se pouco e frequentemente a mãe se ocupa sozinha dos filhos mesmo se o pai permanece no lar. Investida da tripla responsabilidade de manter a família, de saciar suas necessidades e de assegurar pela educação o futuro do país, a mulher guadalupense (...) tem tendência a encerrar o homem na insignificância (1990, p.61).

Por sua vez, a personagem Télumée descreve de maneira detalhada as rivalidades entre os meninos e as meninas:

Os meninos brincavam entre si, e quando chegavam perto de nós era para fazer troça, mostrar a nossa insignificância, puxar-nos os cabelos, treinar para um brilhante futuro de machos ao procurarem medir, muito sérios, o alcance de seu esguicho de urina. Eu preferia ficar com as meninas, principalmente com Tavie e Laetitia. Brincávamos de acertar castanhas de caju num buraco cavado na terra, jogávamos lança-e-pegas com cinco pedrinhas, contávamos histórias de mulheres, os golpes de espada que recebiam em suas águas, e também as desgraças, as mandingas, tudo o que acontece nos barracos sem homem (1986, p. 63).

Este depoimento sobre a adolescência da narradora denota – e denuncia – a aparente naturalização dos comportamentos de homens e mulheres como se estes não se inscrevessem em preceitos culturais de determinada sociedade e acontecessem à revelia de seus autores. Na mesma Guadalupe vislumbram-se, por um lado, brincadeiras viris para os rapazes que exibem seus falos e estimula-se, por outro, a contação de



histórias e o lançamento de frutas para as moças. O assédio e a violência masculina com as mulheres convergem para episódios mais dramáticos como os estupros sofridos por Minerve e as agressões domésticas sofridas por Télumée. Neste contexto, Cissé enfatiza que “a submissão física e moral a través do estupro, da violência e da humilhação das Lougandor é herdeira da escravidão e da colonização” (2014, p.24). Partindo-se do adágio contemplado por Albert Memmi de que “existe em todo colonizado uma exigência fundamental de mudança” (1985, p.135), a escrita ficcional de vozes do feminino em Simone Schwarz-Bart busca colocar em relevo o discurso feminino e sua versão da (pós)colonização antilhana. Trata-se de romper com a supremacia do discurso masculino para enriquecer o debate memorial e identitário ao longo do colonialismo e das veias abertas por ele desnudadas.

O romance se constrói como um longo conto compartilhado por Télumée no jardim de sua casa às vésperas de seu falecimento. Ao partilhar toda a gama de histórias que deseja, a narradora-contadora de histórias parece ter cumprido seu papel e pode, finalmente, descansar:

Como lutei, outros lutarão e, por muito tempo ainda, as pessoas verão a mesma lua e o mesmo sol, e contemplarão as mesmas estrelas, e nelas verão, como nós, os olhos dos defuntos. Já lavei e enxaguei as roupas quero sentir sob o meu cadáver. Sol alto, sol posto, os dias escorrem, e a areia que a brisa soergue há de encalhar a minha barca, mas vou morrer aqui, como estou, de pé, no meu quintal, que alegria!... (1986, p. 235)

As reticências, recurso estilístico abundante no romance, aludem à suspensão e não ao término e reiteram o convite à novas narrativas, novas versões e novos encontros em torno de histórias. Inscrito em uma redação cíclica, o livro lança reiterados apelos à novas narrações capazes de enriquecer o retrato identitário antilhano e forjar uma cultura capaz de abarcar distintas sintonias de vozes.

Em grande contraste às chuvas e ventos que representam as inúmeras intempéries que acometeram a família Lougandor e que figuram no título do romance, esta passagem traz à cena a supremacia do sol como símbolo-maior da força, da simbiose antilhana com a natureza e como presente à narradora no momento de seu descanso e no caminho para o reencontro com seus ancestrais. Através desta saga feminina, Simone Schwarz-Bart concede às mulheres seu lugar ao sol no palimpsesto de histórias capazes de erguer os

complexos pilares da identidade crioula, preenchendo as lacunas denunciadas por Spivak em seus estudos sobre o discurso dos subalternos: “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”(SPIVAK, 2014, p. 85). Cabe salientar que outros escritores antilhanos concederam igualmente grande destaque à voz feminina: a guadalupense Maryse Condé permite à feiticeira Tituba cantar todas as suas desventuras no romance *Moi, Tituba sorcière...*, de 1986; Em 1999, Maryse Condé publica o romance *Le Coeur à rire et à pleurer : Contes vrais de mon enfance* na qual Maryse revê episódios de sua infância. O martinicano Patrick Chamoiseau concede à narradora Marie-Sophie Laborieux à missão de retrair quase dois séculos da história da Martinica a partir da história do bairro de Texaco no romance homônimo de 1992.

Assim, a escrita romanesca se torna veículo privilegiado para afastar o silêncio infligido, para se insurgir contra o mutismo imposto aos colonizados e, sobretudo às mulheres e para a congregação de um discurso antilhano no feminino. Segundo Heckenback, “o discurso antilhano no feminino é composto de vozes de muitas escritoras, vozes dispersas em textos criativos e teóricos, romances, artigos. Esta nova voz, frequentemente à margem, questiona o discurso dominante” (1998, p.38). Logo, “o discurso antilhano no feminino se torna subversivo porque questiona os discursos masculinos que se associam à continuidade da dominação da mulher” (1998, p.38). Não obstante, “o projeto das escritoras no Caribe se articula em torno da possibilidade de valorizar a voz feminina” (1998, p. 39). Para Carmen Boustani,

no interior da literatura antilhana, uma diferença se estabelece entre escrita masculina e feminina. Nos escritores, encontra-se o emprego frequente do acervo cultural antilhano. Basta retomar Chamoiseau que se debruça amplamente no patrimônio dos contos afro-antilhanos enquanto a escrita feminina antilhana subverte as normas em matéria de criação romanesca. Liberada de qualquer imposição, a mulher cria novas palavras em crioulo que dizem ‘o pensamento feminino (2010, p.63).

Ruth Brandão faz eco com Boustani ao ponderar que “é na linguagem que se constitui a feminilidade, com mais possibilidades e mais liberdade que as representações viris” (2006, p.201).

À guisa de conclusão, retomamos o trecho que figura na epígrafe deste artigo no qual a narradora confessa que Deus lhe impôs a feminilidade e a negritude. Não obstante certa ironia com o fato de o deus dos brancos não ter lhe consultado, Télumée confirma que, diante da possibilidade de escolha, desejaria se manter com a mesma aparência. Ao perseverar no âmbito do feminismo, a narradora parece ter passado a limpo as penúrias que lhe foram infligidas e ter caminhado a passos largos e firmes rumo ao autoconhecimento e à compreensão do papel da voz feminina na história (pós)colonial em Guadalupe. Neste sentido, dois trechos do romance abalizam a poética do matriarcado e se revelam estímulos à trajetória feminina. O primeiro, espécie de máxima presente no conto “o homem que queria viver pelo olfato” que Toussine conta à neta, ensina a doutrina que “atrás de uma tristeza vem outra tristeza, a infelicidade é uma onda sem fim, mas o cavalo não deve te conduzir, tu é que deves conduzir o cavalo” (1986, p. 75). Trata-se do *modus operandi* a ser colocado em prática e conquistado diariamente pelas mulheres que desejam protagonizar suas histórias mesmo em meio às tempestades. No segundo trecho, Toussine aconselha Élie, então noivo da neta Télumée. Com tal ensinamento, concluímos esta breve análise: “lembra-te que, apesar de tudo, deve haver uma mulher feliz na terra, em algum lugar” (1986, p.114).

### **Bibliografia**

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Resíduo” In *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- BOUCHARD, Monique. *Une lecture de Pluie et vent sur Télumée Miracle de Simone Schwarz-Bart*. Paris : L’Harmattan, 1990.
- BOUSTANI, Carmen. Les effets du féminin/masculin dans l’Interculturel In MOREL, Maia (org.). *Parcours Interculturels – Être et devenir*. Quebec : Editions Peisaj, 2010, p. 53-64.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *A personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2006.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. Paris : Folio, 2003.
- CISSÉ, Mouhamadou. Résistance féminine/féministe contre les institutions sociales In *L’individuel et le social dans les littératures francophones. Les cahiers du GRELCEF* no 6. Westers, 2014, p. 17 – 34.
- CONDÉ, Maryse. *Moi, tituba sorcière*. Paris : Mercure de France, 1986.
- CONDÉ, Maryse. *Le coeur à rire et à pleurer*. Paris : Éditions Robert Laffont, 1999.

GYSSSELS, Kathleen. *Proverbialité dans Pluie et vent sur Télumée Miracle*. 1996. Disponível em: « <http://www.potomitan.info/ewop/proverbialite.php> ». Acesso em 21 de dezembro de 2015.

HECKENBACH, Ida Eve. *La violence et le Discours antillais au féminin : une approche à la littérature des Caraïbes*. 1998. Disponível em <http://litte.journals.yorku.ca/index.php/litte/article/viewFile/27997/25759>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

JUMINER, Bèrtene. La parole de nuit In *Écrire la parole de nuit*. Paris : Gallimard, 1994.

MALU-MEERT, Dominique. *Auteurs contemporains : Simone Schwarz-Bart*. Bruxelles : 5 continents, 1985.

MBAYE, Fanta Toureh. « Simone Schwarz-Bart : écrivaine guadeloupéenne » In *Québec français/ Erudit*, n° 59. Quebec : 1985, p. 28-30.

MEMMI, Albert. *Portrait du colonisé précédé de portrait du colonisateur*. Paris : Gallimard, 1985.

PIETERS, Tatiana. '*Pluie et vent sur Télumée Miracle*' de Simone Schwarz-Bart : l'identité des héroïnes antillaises. 2013. Disponível em : "<http://www.researchgate.net/publication/265657118>" . Consulta em 18 de dezembro de 2015.

SCHWARZ-BART, Simone. *A ilha da chuva e do vento*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1986.

SCHWARZ-BART, Simone & André. *Un plat de porc aux bananes vertes*. Paris : Éditions du Seuil, 1996.

SCHWARZ-BART, Simone. *Pluie et vent sur Télumée Miracle*. Paris : Éditions du Seuil, 2003.

SCHWARZ-BART, Simone & André. *L'Ancêtre en solitude*. Paris : Éditions du Seuil, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte : UFMG, 2014.